

Questionário de Comportamentos Anti-Sociais e Delitivos: Evidências Psicométricas de uma Versão Reduzida

Antisocial and Delictive Behaviors Questionnaire: Psychometric Evidences of a Briefed Version

Valdiney Veloso Gouveia^{*1}, Walberto Silva Santos¹, Carlos Eduardo Pimentel²,
Pollyane K. C. Diniz¹ & Patrícia Nunes da Fonseca¹

¹Universidade Federal da Paraíba & ²Universidade Tiradentes

Resumo

O presente estudo teve como objetivo conhecer os parâmetros psicométricos do *Questionário de Condutas Anti-sociais e Delitivas (CAD)*. Especificamente, procurou-se reunir evidências de sua validade fatorial e consistência interna no contexto paraibano, assim como conhecer a adequação de uma versão reduzida desta medida. Efetuaram-se dois estudos específicos. No primeiro participaram 480 estudantes do ensino médio, cuja idade média foi de 16,2 anos ($DP = 1,60$), sendo a maioria do sexo feminino (55,1%). No segundo contou-se com uma amostra de 1.463 estudantes de ensino fundamental, médio e superior, com idades variando de 10 a 36 anos ($m = 16$; $DP = 4,41$), a maioria do sexo feminino (59,9%). Os participantes responderam o *Questionário de Condutas Anti-sociais e Delitivas* e perguntas demográficas. Os resultados apoiaram a adequação psicométrica deste instrumento, que apresentou a estrutura bi-dimensional teorizada. Além disso, a proposta de uma versão reduzida do CAD se mostrou adequada, reunindo evidências de validade e consistência interna equiparáveis à versão original. Estes resultados foram discutidos à luz da literatura e pesquisas futuras foram sugeridas.

Palavras-chave: Comportamento anti-social; delinquência; questionário; validade.

Abstract

This study aimed at knowing the psychometric parameters of the *Antisocial and Delictive Behaviors Questionnaire (ADQ)*. Specifically, it tried to join evidences of its factor validity and reliability in the milieu of Paraíba-Brazil, as well as to know the adequacy of a briefed version of this measure. Two studies were accomplished. In Study 1, the participants were 480 students from high school, with a mean age of 16.2 years old ($SD = 1.60$), most of them were women (55.1%). In Study 2, 1,463 students of elementary school, high school, and university; with ages ranging from 10 to 36 years old ($m = 16$; $SD = 4.41$) participated in research, 59.9% were female. They answered the *Antisocial and Delictive Behaviors Questionnaire* and to demographic questions. Results supported the psychometric adequacy of this measure, which showed the theorized bi-factor structure. Moreover, the purpose of the ADQ briefed version revealed itself adequate, jointing evidences of factor validity and reliability similar to those of the original version. These findings were discussed based on literature and future researches are suggested as well.

Keywords: Antisocial behavior; delinquency; questionnaire; validity.

Historicamente, o fenômeno “delinquência” vem sendo objeto de estudo em distintas áreas do conhecimento (Soria, 2005). Após o estabelecimento da criminologia positivista, a partir da segunda metade do século XIX, disciplinas como psiquiatria, sociologia e psicologia foram impulsionadas a aplicarem seus conhecimentos neste campo (Otero-Lopez, 1996; Romero, 1996, 2006). Nos últimos vinte anos, o aumento significativo deste fenômeno, somado aos custos pessoais, sociais e econômicos que acarretam os comportamentos socialmente desviantes, promoveu, entre os pesquisadores, certo consenso sobre a importância de se co-

nhecer variáveis que possam explicar e auxiliar na promoção eficaz de estratégias de sua prevenção e/ou seu controle (Hawkins, Catalano, & Miller, 1992; Heaven, 1996; Knapp, Scott, & Davies, 1999; Luengo, Otero, Romero, Gómez-Fraguela, & Tavares-Filho, 1999).

O número expressivo de pesquisas promovidas atualmente por diversas perspectivas teóricas tem contribuído para o avanço no entendimento dos mecanismos que levam alguns adolescentes a cometerem atos considerados socialmente desviantes (Krol, Morton, & De Bruyn, 2004; Navas-Collado, & Muñoz-García, 2005). No entanto, apesar deste impulso teórico, ainda são poucos os estudos que se propõem desenvolver ou adaptar instrumentos de medida que possam ser utilizados em pesquisas de campo, sobretudo no Brasil. Por exemplo, em busca realizada por meio do Google Acadêmico (2007) e Index Psi (2007),

* Endereço para correspondência: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, João Pessoa, PB, Brasil, CEP 58051-900. E-mail: vvouveia@gmail.com

introduzindo como palavras-chave “anti-social”, “delitivo” e “instrumento”, encontraram-se, no total, cinco publicações que tiveram em conta uma mesma medida específica destes comportamentos, adaptada por Formiga e Gouveia (2003). Outras onze publicações foram também encontradas, mas tratando a temática de forma teórica e em áreas diversas (por exemplo, criminologia, direito penal); quando o faziam desde a psicologia, não incluíam qualquer medida específica a respeito. Portanto, é evidente a escassez de estudos psicométricos que enfoquem medidas de comportamentos anti-sociais e delitivos neste país.

O aspecto previamente assinalado motivou a realização do presente estudo, cujo objetivo principal foi reavaliar os parâmetros psicométricos do *Questionário de Comportamentos Anti-sociais e Delitivos (CAD)*; Seisdedos, 1988), conhecendo a viabilidade de contar com uma versão reduzida desta medida para utilização no contexto brasileiro. Apesar de ter sido previamente realizada pesquisa para sua adaptação neste país (Formiga, & Gouveia, 2003), permaneceram os 40 itens da versão original. Neste sentido, decidiu-se reavaliar este instrumento, conhecendo evidências de sua validade fatorial e consistência interna. Além disso, pretendeu-se contar com uma versão reduzida desta medida, formada por número menor de itens, favorecendo a realização de estudos trans-culturais e possibilitando incluir medidas complementares para a compreensão de tais condutas. Discutem-se a seguir o conceito e a dimensionalidade dos construtos que este instrumento procura medir.

Comportamentos Anti-sociais e Delitivos

A falta de uma definição clara e universalmente aceita constitui-se atualmente um problema para os pesquisadores ligados ao estudo dos comportamentos desviantes (Luengo et al., 1999). Sobre este aspecto, termos como delinquência juvenil (Tate, Reppucci, & Mulvey, 1995), comportamento delinqüente (Davalos, Chavez, & Guardiola, 2005), comportamento anti-social (Romero, Sobral, Luengo, & Marzoa, 2001) e comportamento disruptivo (American Psychiatric Association, 1994; Loeber, Burke, Lahey, Winters, & Zera, 2000) são utilizados algumas vezes como sinônimos e, em outras, com significados completamente distintos (ver comentários de Pimentel, 2004).

Alguns autores, provavelmente para minimizar este problema, têm situado as publicações sobre o tema em diferentes perspectivas teórico/conceituais (Otero-Lopez, 1996; Rhee, & Waldman, 2002; Romero, Sobral, & Luengo, 1999; Rutter, & Giller, 1983). Nesta direção, aponta-se que muitos dos estudos orientam-se fundamentalmente a partir das perspectivas sociológica, jurídica e clínico-psiquiátrica, onde os comportamentos anti-sociais são operacionalizados e avaliados em função de critérios múltiplos, específicos de cada área ou enfoque (Luengo et al., 1999; Otero-Lopez, 1996; Romero, 1998).

Mesmo gozando de certa tradição, os conceitos produzidos nestas perspectivas têm sido objeto de diversas críticas (Romero, 1998). No campo psiquiátrico, por exemplo, a definição de transtorno anti-social de personalidade se con-

funde com o conceito de psicopatia (Corral, 1994; Salekin, Brannen, Zalot, Leistico, & Neumann, 2006; Tomás, 1993; Vien, & Beech, 2006; Warren, & South, 2006). Além disso, destaca-se que as definições sociológicas e jurídicas apresentam considerável relatividade (ver, por exemplo, Clemente, 1995; Garrido, 1987; Romero, Luengo, & Sobral, 2001). Por esta razão, a construção de uma definição que supere tais dificuldades tornou-se foco de especial atenção entre os pesquisadores (Farrington, 1987; Loeber, 1991; Scaramella, Conger, Spoth, & Simons, 2002; Tolan, Guerra, & Kendall, 1995).

Neste sentido, uma das propostas refere-se à inclusão, no conceito de anti-social, tanto de comportamentos estritamente delitivos como daqueles que, mesmo não sendo ilegais, são considerados danosos para a sociedade. De acordo com Romero (1996), este aspecto assume especial significação a nível teórico porque em muitos casos os comportamentos anti-sociais considerados “leves” apresentam antecedentes e manifestações semelhantes àqueles de caráter mais grave (transgressões às leis). Ao mesmo tempo, estudos apontam que, dentro do curso evolutivo dos indivíduos, este tipo de conduta (leve) se apresenta como preditor do desenvolvimento de comportamentos desviantes cada vez mais severos (Loeber, 1991; Loeber, & Dishion, 1983). Portanto, sob esta perspectiva, a atividade delitiva é concebida como uma dimensão do construto “anti-social” (Thornberry, & Krohn, 2000).

Não obstante esta compreensão, ainda não há consenso sobre a natureza deste construto, o que parece justificável, uma vez que se trata de um fenômeno heterogêneo, com causas, correlatos e conseqüências múltiplos (Farrington, 1987; Otero-Lopez, 1996). Para alguns pesquisadores (por exemplo, Donovan, & Jessor, 1985; Jessor, Donovan, & Costa, 1991) o comportamento anti-social compreende um fator de primeira ordem que agrupa um conjunto de comportamentos desviantes (por exemplo, consumo abusivo de álcool e drogas ilícitas, atividades delitivas, relações sexuais arriscadas), que são contrastados com um fator pró-social caracterizado pelo envolvimento com agentes de socialização convencionais (por exemplo, família, escola, igreja) (ver, também, Ary, Duncan, Duncan, & Hops, 1999; Flannery, Williams, & Vazsonyi, 1999).

Outra proposta defende a existência de padrões de evolução destes comportamentos. Neste sentido, faz-se referência a um padrão manifesto (*overt*) que se caracteriza pela presença de condutas agressivas; um encoberto (*covert*), relacionado aos atos contra a propriedade; e um padrão de conflito frente às autoridades, caracterizado por comportamentos desafiantes e de evitação do controle adulto (Kelley, Loeber, Keenan, & DeLamatre, 1997). Adicionalmente, Achembach (1991), em seu modelo sobre a psicopatologia infantil, diferencia problemas de internalização e externalização. Este último engloba dois tipos de comportamentos anti-sociais: os delitivos e os agressivos.

Na mesma direção, Storvoll, Wichstrøm, Kolstad e Pape (2002) apontam que os comportamentos anti-sociais estruturam-se mais adequadamente em três dimensões fortemente inter-correlacionadas. A primeira (*destructive*

covert) inclui atos como roubo e vandalismo; a segunda (*nondestructive covert*) refere-se à evitação do controle adulto; e, finalmente, a terceira (*overt*) diz respeito às condutas agressiva e de oposição à escola. Segundo estes autores, os índices de ajuste desta estrutura mostram-se bastante adequados e invariáveis quando avaliados em função do sexo e da idade dos adolescentes.

Uma proposta que parece interessante tem sido apresentada por Seisdedos (1988). Este admite um modelo pragmático e simples, identificando dois tipos de comportamentos socialmente desviantes: anti-sociais e delitivos. Não os propõem como antagonísticos, mas como dois elementos ou duas dimensões distintas, diferenciando-se em termos da gravidade dos atos praticados. Por exemplo, os comportamentos anti-sociais propriamente ditos seriam mais brandos, rompendo normas sociais, mas sem ir de encontro com leis juridicamente constituídas (por exemplo, pisar a grama quando se indica que é proibido, assoviar em lugares onde se recomenda não fazê-lo). Por outro lado, aqueles considerados delitivos apresentariam maior gravidade, implicando mesmo ações que demandam punições legais (por exemplo, roubar, ferir alguém). Por sua parcimônia, este modelo tem sido levado em conta no presente estudo, que enfoca um instrumento de medida que procura operacionalizá-lo.

Medindo Comportamentos Anti-sociais e Delitivos

Para avaliar estes tipos de comportamentos são encontrados na literatura internacional diversos instrumentos, variando em termos da especificidade dos comportamentos envolvidos ou da faixa etária a que se destinam (Huizinga, & Elliott, 1986; Osgood, McMorris, & Potenza, 2002; Rhee, & Waldman, 2002; Vazsonyi, Pickering, Junger, & Hessing, 2001). Entretanto, como antes foi assinalado, no Brasil ainda são escassas as medidas direcionadas à análise deste construto. Uma exceção tem sido o questionário desenvolvido por Seisdedos (1988), que procura contemplar dois blocos separados de itens, avaliando comportamentos anti-sociais e delitivos. Além da pesquisa realizada por Formiga e Gouveia (2003), não foi localizado nenhum estudo psicométrico sobre este instrumento no contexto brasileiro. Portanto, demanda-se a seguir descrevê-lo sumariamente.

O *Questionário de Comportamentos Anti-sociais e Delitivos (CAD)* foi proposto por Seisdedos (1988). Compõe-se de 40 itens, distribuídos igualmente em duas dimensões de comportamentos: *Anti-sociais* e *Delitivos*. Estas dimensões foram extraídas por meio de uma análise de componentes principais (PCA) efetuada a partir de 137 itens procedentes de diferentes instrumentos de avaliação de comportamentos anti-sociais. O fator *anti-social* reúne itens cujos comportamentos não são expressamente delitivos; ainda que alguns revelem ações próximas do delito, estas são consideradas como travessuras típicas de adolescentes. Por exemplo, incluem-se “Negar-se a fazer as tarefas solicitadas (no trabalho, na escola ou em casa)” e “Riscar em lugares proibidos (paredes, mesas, etc.)”. O fator *delitivo*

ou *delinquente* abrange condutas que se caracterizam por infringirem leis formais. Nele, incluem-se itens como, por exemplo, “Portar uma arma (faca ou canivete) caso considere necessário em um briga” e “Conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas”.

Em sua versão original, a consistência interna do CAD foi avaliada por Seisdedos (1988) por meio do método de duas metades (*split half*), onde verificou índice de 0,86 para ambos os fatores. Quando este autor comparou as pontuações apresentadas por adolescentes com problemas de conduta e aqueles considerados “sem problema”, observou diferenças entre as pontuações dos dois grupos nos fatores *anti-social* ($F = 4,70, p < 0,01$) e *delitivo* ($F = 2,90, p < 0,01$). Na Espanha, contexto onde foi desenvolvido este questionário, alguns estudos têm corroborado a sua adequabilidade para utilização em pesquisas com amostras de adolescentes (Garaigordobil, 2004; Garaigordobil, & Galdeano, 2006; Torrente-Hernández, & Rodríguez-González, 2004).

No Brasil, a pesquisa realizada por Formiga e Gouveia (2003) procurou conhecer a pertinência de contar com dois fatores para esta medida. Estes observaram cargas fatoriais entre 0,35 e 0,74 para o fator *anti-social*, e entre 0,33 e 0,90 para o *delitivo*, com consistência interna (Alfa de Cronbach) de 0,86 e 0,92, respectivamente. Neste mesmo estudo estes autores apresentam resultados de uma análise fatorial confirmatória, onde observaram os seguintes índices de ajuste: $\chi^2 (739) = 1313,38, p < 0,001, \chi^2 / gl = 1,78, GFI = 0,91, AGFI = 0,90$ e $RMSR = 0,04$, confirmando a adequação do modelo bi-fatorial. Portanto, poder-se-ia assumir que o CAD é um instrumento apropriado para utilização em estudos que envolvam a mensuração de comportamentos anti-sociais e delitivos entre adolescentes e jovens adultos.

Apesar das evidências previamente apresentadas acerca da adequação deste instrumento, a pressuposição de que alguns destes comportamentos podem sofrer modificações em função do tempo, sugere a necessidade de que medidas desta natureza sejam submetidas a processos periódicos de revisão. Além disso, faz-se cada vez mais necessário, para facilitar a realização de pesquisas com amostras maiores e diversificadas, que os instrumentos auto-aplicáveis sejam mais parcimoniosos, envolvendo menor número de itens (Gosling, Rentfrow, & Swann Jr., 2003). Neste sentido, com o fim de atender os objetivos previamente listados, foram realizados dois estudos específicos, descritos a seguir.

Estudo 1 – Evidências de Validade Fatorial e Consistência Interna do CAD

Neste estudo buscou-se, especificamente, replicar as análises anteriormente efetuadas quando da elaboração do CAD na Espanha (Seisdedos, 1988) e de sua adaptação para o Brasil (Formiga, & Gouveia, 2003). Portanto, procurou-se checar evidências de sua validade fatorial e consistência interna.

Método

Amostra. Contou-se com uma amostra não-probabilística de 480 estudantes, provenientes de escolas públicas (48,1%) e privadas (51,9%), com idades variando entre 13 e 28 anos ($m = 16,2$; $DP = 1,60$). A maioria foi mulher (55,1%) e solteira (95,8%), declarando-se pertencer a famílias de classe sócio-econômica média (58,2%) ou média-baixa (27,8%). Do total, 36% estavam cursando o primeiro, 30,5% o segundo e 33,5% o terceiro ano do ensino médio.

Instrumentos. *Questionário de Comportamentos Anti-sociais e Delitivos.* Como previamente indicado, este instrumento se compõe de 40 itens distribuídos equitativamente em dois fatores (*anti-social* e *delitivo*). O participante deve indicar com que frequência já realizou em algum momento da sua vida os comportamentos descritos em cada item, sendo suas respostas dadas em uma escala variando de **1** = *nunca* a **10** = *sempre*. Considerou-se a versão em português apresentada por Formiga e Gouveia (2003).

Além deste instrumento, foi utilizada uma folha adicional denominada de *Caracterização da Amostra*. Nela foram solicitadas informações que pretendiam unicamente descrever os participantes do estudo (por exemplo, idade, sexo).

Procedimento. Após o contato e consentimento da direção das escolas, foi efetuada a aplicação dos questionários. Esta atividade contou com a colaboração de três bolsistas de Iniciação Científica, previamente instruídos para intervir o mínimo possível, devendo esclarecer aos respondentes quanto à forma, mas não ao conteúdo da medida. Os participantes responderam os questionários em ambiente coletivo de sala de aula, porém o fizeram individualmente. Todos foram informados que sua participação seria voluntária e anônima, podendo deixar o estudo a qualquer momento sem que houvesse penalização. Destacou-se, igualmente, que ao responderem e devolverem o questionário, eles estariam dando o seu consentimento livre e esclarecido para ser incluído no estudo. Ao término da aplicação foram dirigidos os agradecimentos aos alunos e informado um endereço onde poderiam ser obtidas informações sobre os resultados do estudo. Um tempo médio de 15 minutos foi suficiente para concluir a participação de todos.

Resultados

Análise Exploratória do Instrumento. Com o fim de replicar as análises estatísticas previamente realizadas quando da elaboração espanhola e adaptação brasileira desta medida, efetuou-se inicialmente uma *PCA*. No caso, adotou-se a rotação *oblimin*, tendo sido fixada a extração de dois componentes. Previamente, avaliou-se a adequação de proceder a este tipo de análise [$KMO = 0,90$; *Teste de Esfericidade de Bartlett*, $\chi^2(780) = 8650,76$, $p < 0,001$]. Os resultados a respeito podem ser observados na Tabela 1 a seguir.

As duas dimensões apresentaram valores próprios (*eigenvalues*) superiores a 1 (critério de Kaiser), explicando conjuntamente 36,4% da variância total. As saturações

no primeiro componente (*anti-social*) variaram entre 10,521 e 10,721, e no segundo (*delitivo*) entre 10,371 e 10,711. Unicamente dois itens não apresentaram saturações que atendessem ao critério convencional, isto é, 10,301: itens **19** (*Entrar em uma loja que está fechada, roubando algo ou não*) e **17** (*Roubar objetos dos carros*). Contudo, quando checada a matriz *estrutura*, observaram-se correlações superiores a 0,20, que são diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$; $N = 480$), justificando mantê-los no instrumento. Além disso, de acordo com a proposta original desta medida, os itens 8, 13, 33, 36 e 40 deveriam apresentar maior saturação no segundo componente (*delitivo*), porém o fizeram no primeiro (*anti-social*). Não obstante, quando avaliada a diferença entre as saturações que cada item apresentou nos dois componentes, percebe-se que o 8 (*Destruir ou danificar coisas em lugares públicos*), 13 (*Gastar freqüentemente no jogo mais dinheiro do que pode*), 33 (*Usar drogas*) e 40 (*Pertencer a uma turma que arma confusões, se mete em briga ou cria baderna*) apresentam saturações relativamente próximas em ambos, algo menos evidente no caso do item 36. Entretanto, para fins de análise subsequente, estes itens foram considerados no fator *delitivo*, mantendo-se a proposta original desta medida.

Consistência Interna. Os índices de consistência interna, avaliados por meio do método de duas metades (*split half*) foram 0,90 e 0,84 para os componentes de comportamentos *anti-social* e *delitivo*, respectivamente. Coerentemente, estes índices não se alteraram praticamente quando se considerou o método Alfa de Cronbach: 0,92 (*anti-social*) e 0,84 (*delitivo*). Uma vez que estas duas dimensões mostraram-se direta e significativamente correlacionadas entre si ($r = 0,70$, $p < 0,001$), decidiu-se calcular os mesmos índices considerando o conjunto total dos 40 itens que formam este questionário. Os resultados por meio dos dois métodos foram como seguem: 0,86 e 0,93, respectivamente.

Discussão Parcial

Como se observa, os parâmetros psicométricos do *CAD* podem ser considerados aceitáveis (Pasquali, 2003; Tabachnick, & Fidell, 2001). A estrutura fatorial identificada foi coerente com a que tem sido relatada por Formiga e Gouveia (2003) e Seisdodos (1988), considerando participantes e contextos diversos dos aqui tratados. Especificamente, encontraram-se os dois componentes teorizados, que, apesar de se relevarem legítimos, não podem ser pensados como independentes; são dois estágios de um mesmo comportamento, diferenciando-se em termos da gravidade das ações socialmente desviantes. Neste ponto, cabe uma consideração acerca dos itens 8, 13, 33 e 40, que saturaram nos fatores *anti-social* e *delitivo*. Apesar de estes resultados poderem ser pensados em termos de variação cultural, uma explicação mais parcimoniosa pode ser que, de fato, os conteúdos abordados (por exemplo, usar drogas, brigar na rua, gastar dinheiro em jogo) podem ser percebidos pelos jovens como comportamentos “normais”.

Além disso, os índices de consistência interna, quer por meio do Spearman-Brown (Seisdodos, 1988) ou Alfa de Cronbach (Formiga, & Gouveia, 2003), situaram-se acima

Tabela 1
Estrutura Fatorial do Questionário de Comportamentos Anti-sociais e Delitivos (CAD-40)

Item	Descrição do conteúdo	Componentes	
		I	II
30	Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas).	0,72*	0,31
09	Responder mal a um superior ou autoridade (no trabalho, na escola ou na rua).	0,69*	0,26
02	Sair sem permissão (do trabalho, de casa ou do colégio).	0,68*	0,28
15	Dizer palavrões ou expressões pesadas.	0,68*	0,20
34	Trapacear (em provas, competição importante, gabarito de resultado, etc.).	0,68*	0,33
29	Negar-se a fazer as tarefas solicitadas (no trabalho, na escola ou em casa).	0,67*	0,17
05	Bagunçar ou assobiar em uma reunião, lugar público ou de trabalho.	0,66*	0,22
18	Entrar em um local proibido (jardim privado, casa vazia, etc.).	0,66*	0,36
21	Jogar lixo no chão (quando há perto um cesto de lixo).	0,66*	0,30
26	Quebrar ou jogar no chão coisas dos outros.	0,66*	0,39
11	Incomodar pessoas desconhecidas ou fazer desordens em lugares públicos.	0,64*	0,41
38	Riscar em lugares proibidos (paredes, mesas, etc.).	0,64*	0,15
37	Tocar a campainha na casa de alguém e sair correndo.	0,63*	0,18
36	Entrar em um clube proibido ou comprar bebidas proibidas.	0,62*	0,32
10	Arrancar ou pisar flores ou plantas em parques ou jardins.	0,60*	0,25
28	Chegar tarde ao trabalho, colégio ou reunião.	0,60*	0,25
12	Chegar de propósito mais tarde do que o permitido (em casa, trabalho, compromisso, etc.).	0,59*	0,26
24	Apanhar frutas em um jardim ou pomar alheio.	0,56*	0,25
01	Fazer brincadeiras pesadas com as pessoas, como empurrá-las a lama ou tirar-lhes a cadeira quando vão sentar.	0,55*	0,24
04	Comer em locais proibidos (trabalho, escola, cinema, etc.).	0,53*	0,07
35	Sujar as ruas ou calçadas quebrando garrafas ou virando depósitos de lixo.	0,52*	0,38
27	Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerantes, telefones públicos, etc.	0,37	0,71*
25	Pegar escondido a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela.	0,24	0,69*
39	Forçar a entrada em um armazém, garagem, depósito ou mercearia.	0,28	0,67*
20	Resistir a briga para escapar de um policial.	0,45	0,63*
23	Planejar de antemão entrar em uma casa ou apartamento para roubar coisas de valor.	0,03	0,60*
14	Portar uma arma (faca ou canivete) caso considere necessário em um briga.	0,46	0,59*
22	Entrar em um apartamento ou casa e roubar algo (sem ter planejado antes).	0,18	0,57*
07	Conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas.	0,43	0,53*
31	Roubar coisas de um lugar público (trabalho ou colégio) com um valor de mais de R\$ 10,00.	0,35	0,50*
40	Pertencer a uma turma que arma confusões, se mete em briga ou cria baderna.	0,63	0,47*
08	Destruir ou danificar coisas em lugares públicos.	0,61	0,46*
32	Roubar materiais ou ferramentas de pessoas que estão trabalhando.	0,18	0,46*
06	Roubar roupas de um varal ou objetos dos bolsos de uma roupa pendurada em um cabide.	0,31	0,44*
16	Roubar coisas de grandes armazéns, supermercados, entre outros, estando abertos.	0,41	0,41*
03	Pegar escondido o carro ou a moto de um desconhecido para dar um passeio, com única intenção de se divertir.	0,36	0,40*
13	Gastar freqüentemente no jogo mais dinheiro do que pode.	0,42	0,38*
33	Usar drogas.	0,42	0,37*
19	Entrar em uma loja que está fechada, roubando algo ou não.	0,14	0,26
17	Roubar objetos dos carros.	0,06	0,22
Valor Próprio		11,74	2,83
% da Variância Total		29,36	7,06
Alfa de Cronbach		0,92	0,84

Nota. * Item considerado na interpretação do componente. Componentes: I – Comportamento Anti-social e II – Comportamento Delitivo.

do 0,70 que tem sido amplamente sugerido como ponto de corte (Nunnally, 1991). Portanto, confia-se ter cumprido os objetivos deste primeiro estudo. Entretanto, devido ao caráter essencialmente exploratório das análises efetuadas, decidiu-se realizar um segundo estudo, descrito a seguir.

Estudo 2 – Versão Reduzida do CAD: Parâmetros Psicométricos

O presente estudo procurou reduzir o CAD e comprovar sua estrutura fatorial e consistência interna, testando diferentes modelos teóricos (uni e bifatorial). Uma descrição mais detalhada é oferecida a seguir.

Método

Amostra. Contou-se com uma amostra intencional (não-probabilística) de 1.463 estudantes. Estes provinham de instituições públicas (50,8%) e privadas (49,2%) de ensino, apresentando idade média de 16 anos ($DP = 4,41$; amplitude de 10 a 36), sendo a maioria mulheres (59,9%); em termos de escolaridade, distribuam-se entre o ensino fundamental (35,1%), médio (41,1%) e superior (23,7%). Do total, 57,1% confessaram-se católicos e 27,5% protestantes.

Instrumento. Os participantes responderam uma bateria composta por sete medidas. Entretanto, considerando os propósitos deste artigo, tomou-se em conta unicamente o *Questionário de Comportamentos Anti-sociais e Delitivos* (Seisdedos, 1988), conforme descrito anteriormente. Consideraram-se ainda perguntas demográficas com o propósito de caracterizar a amostra (por exemplo, idade, sexo, religião).

Procedimento. Previamente obteve-se o consentimento da direção dos estabelecimentos de ensino e do professor responsável pela disciplina. Passo seguinte, quatro pessoas, bolsistas de Iniciação Científica, ficaram responsáveis por aplicar os questionários. Esta aplicação foi realizada nas salas de aula, em horário cedido pelos professores. Na ocasião foi assegurado aos participantes o caráter voluntário e confidencial de suas respostas, indicando-se que o preenchimento e devolução do questionário era indicação de concordância com o termo de consentimento livre e esclarecido. Os aplicadores indicaram um endereço onde se poderia ter acesso aos resultados finais do estudo. Um tempo médio de 40 minutos foi suficiente para concluir a participação.

Análises Estatísticas. As análises exploratórias foram realizadas com o SPSS (versão 15). Por meio do AMOS (versão 7) foram realizadas as análises fatoriais confirmatórias, procurando testar os diferentes modelos fatoriais. Considerou-se como entrada a matriz de covariância, adotando-se o método ML (*Maximum Likelihood*) de estimação. Como indicadores de ajuste do modelo, consideraram-se o *Goodness-of-fit index* (GFI) e o *Adjusted goodness-of-fit index* (AGFI), o *Comparative Fit Index* (CFI) e, finalmente, a *Root Mean Square Error Approximation* (RMSEA). GFI, AGFI e CFI precisam ser

próximos a 0,90, enquanto o RMSEA recomendado é de até 0,08. A diferença entre os *qui-quadrados* e seus respectivos graus de liberdade [$Dc^2(gl)$] serve para decidir entre o modelo mais ajustado (Byrne, 2001).

Resultados

Redução da Medida. Para a redução da versão original do CAD, empregaram-se dois critérios: (a) o poder discriminativo de cada item; e (b) a magnitude das saturações previamente observadas. No primeiro caso, formaram-se dois grupos-critério internos a partir da soma dos 40 itens deste instrumento, considerando os participantes abaixo (grupo inferior) e acima (grupo superior) da mediana. Todos os itens discriminaram na direção esperada, separando adequadamente os dois grupos ($t > 1,96, p < 0,001$). Portanto, nenhum pôde ser descartado. Quanto ao segundo critério, selecionaram-se para cada fator os dez itens que, no Estudo 1, apresentaram saturações mais fortes. Em função deste critério, agruparam-se no fator anti-social itens com saturações iguais ou superiores a 0,66, enquanto que no delitivo o valor mínimo tido em conta foi 0,47 (ver Tabela 1). Isso permitiu definir um instrumento novo, composto por 20 itens, igualmente distribuídos entre os dois tipos de comportamentos (anti-sociais e delitivos). Restava, entretanto, comprovar se esta estrutura bi-fatorial seria a mais adequada, confrontando-a com uma unifatorial, com todos os itens saturando em um único fator.

Adequação da Estrutura Fatorial e Consistência Interna do CAD-20. Como os estudos que embasam o CAD indicam a pertinência de estruturar seus itens em dois fatores (Formiga, & Gouveia, 2003; Seisdedos, 1988), decidiu-se inicialmente realizar uma análise fatorial confirmatória para avaliar em que medida o modelo bi-fatorial se ajusta aos dados. O modelo testado pode ser visualizado na Figura 1.

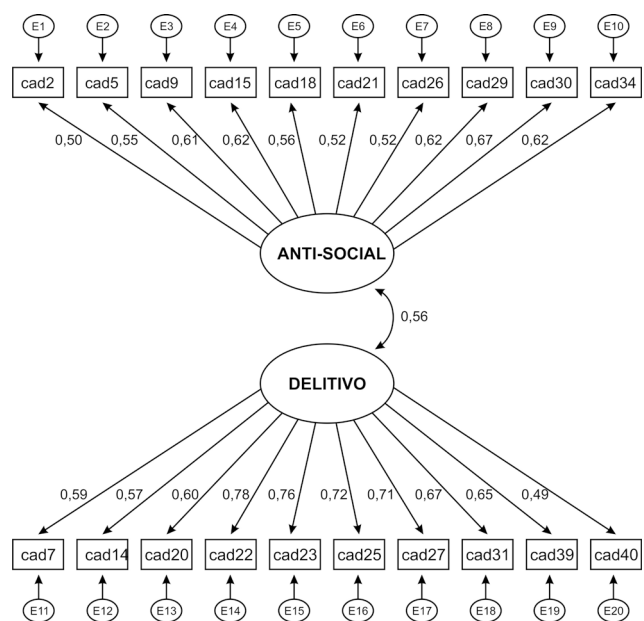


Figura 1. Estrutura Bi-fatorial do CAD-20

Neste modelo bi-fatorial todas as saturações (os lambdas, λ) foram estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$), apresentando os seguintes índices de ajuste: $GFI = 0,92$, $AGFI = 0,91$, $CFI = 0,90$ e $RMSEA = 0,06$ ($IC90\% = 0,06 - 0,07$). Adicionalmente, com o fim de dirimir possíveis dúvidas quanto à estrutura fatorial apresentada nesta figura, um modelo alternativo unifatorial foi testado. Neste caso, observaram-se os seguintes índices de ajuste: $GFI = 0,75$, $AGFI = 0,69$, $CFI = 0,74$ e $RMSEA = 0,10$ ($IC90\% = 0,10 - 0,11$). Uma estratégia direta de comparação dos modelos é ter em conta a diferença entre os qui-quadrados e os graus de liberdade correspondentes dos modelos [$\Delta\chi^2(g)$], interpretando-se como mais adequado o que apresenta valores significativamente menores. Neste caso, as evidências são claramente favoráveis ao modelo bi-fatorial [$\Delta\chi^2(1) = 1.656,50$, $p < 0,001$].

Apesar de a estrutura bi-fatorial ser mais pertinente do que a unifatorial, não significa dizer que os dois fatores de comportamentos socialmente desviantes sejam independentes. No caso, estes apresentaram correlação entre si de 0,56 ($p < 0,001$), o que justifica considerar também uma pontuação total desta medida, cujo Alfa de Cronbach foi 0,88. Quanto aos fatores específicos, estes apresentaram consistências internas (Alfas de Cronbach) de 0,84 (*anti-social*) e 0,82 (*delitivo*).

Discussão Parcial

Os objetivos deste estudo foram corroborados. Comprovaram-se a estrutura fatorial e a consistência interna dos fatores resultantes. Portanto, a versão com 20 itens pareceu razoável, pois, embora mais parcimoniosa, reuniu parâmetros psicométricos compatíveis com aqueles apresentados na literatura. Especificamente, como sugeriu Seisdedos (1988), parece mais pertinente pensar em dois fatores de comportamentos socialmente desviantes, definidos como anti-sociais e delitivos; uma estrutura unifatorial, segundo a correlação observada entre os dois fatores, também poderia ser admitida. Os coeficientes de consistência interna (Alfas de Cronbach) foram superiores ao ponto de corte definido para este parâmetro, isto é, 0,70 (Nunnally, 1991), e são bastante similares àqueles apresentados por Seisdedos (1988). Finalmente, o conjunto destes resultados corrobora os descritos por Formiga e Gouveia (2003), apesar de estes autores considerarem o dobro de itens da versão aqui apresentada.

Discussão Geral

Os dois estudos previamente descritos procuraram reavaliar os parâmetros psicométricos do CAD original (40 itens) e conhecer a possibilidade de contar com uma medida mais parcimoniosa (CAD-20). Estes objetivos foram alcançados, mas não se descartam potenciais limitações dos estudos. Por exemplo, consideraram-se unicamente estudantes, pessoas que participam em um contexto convencional. A propósito, seguramente valeria a pena incluir, em estudos futuros, jovens delinquentes, checando se o conjunto de itens serve para diferenciar os comportamentos

anti-sociais daqueles delitivos. Contudo, há que assinalar que as pesquisas realizadas com grupos “normais” têm uma vantagem clara: embora os participantes não sejam delinquentes institucionalizados, não significa que não apresentem comportamentos legalmente puníveis (Romero, Luengo, et al., 2001), justificando seu estudo. Tendo estes aspectos em mente, tratam-se os principais resultados dos estudos.

Estrutura Fatorial e Consistência Interna da Versão Original

Pode-se afirmar que, no contexto brasileiro, o CAD original apresenta parâmetros satisfatórios de validade e consistência interna. As análises exploratórias permitiram observar a coerência da estrutura bi-fatorial (*Estudo 1*). Com relação aos índices de consistência interna, deve-se observar que em sua versão original este instrumento se compôs de 40 itens, o que potencializa sua consistência interna (Alfa de Cronbach; Pasquali, 2003).

Seleção de Itens e Redução da Medida

Como descrita, a seleção dos itens para compor a versão reduzida do CAD teve em conta dois critérios: poder discriminativo e saturação no fator teórico de pertença. Embora sejam critérios empíricos, pareceram razoáveis. Lembrando, não se questionou o construto ou sua dimensionalidade, mas sim a extensão da medida. Sabe-se que para a efetivação de estudos epidemiológicos e transculturais, com a participação de amostras grandes e diversificadas, torna-se necessário utilizar instrumentos curtos (Gosling et al., 2003), mas que tenham alta capacidade para avaliar o quanto os respondentes se aproximam ou se distanciam dos padrões considerados de risco. No caso, estes instrumentos necessitam apresentar padrões satisfatórios de validade e precisão. Portanto, a versão reduzida do CAD procurou considerar itens que demonstraram este potencial. Adicionalmente, por tratar-se de uma medida já utilizada e com parâmetros já estabelecidos (Formiga, & Gouveia, 2003; Seisdedos, 1988), buscou-se garantir que a redução da mesma não trouxesse perdas consideráveis quanto aos seus parâmetros psicométricos, o que demandou realizar um novo estudo.

Estrutura Fatorial e Confiabilidade da Medida Reduzida (CAD-20)

Quanto à estrutura fatorial desta medida, deve-se ressaltar que os estudos prévios, mesmo que tenham efetuado análises fatoriais confirmatórias (Formiga, & Gouveia, 2003), não contrastaram modelos fatoriais alternativos (por exemplo, uni e bifatorial). Nesta oportunidade, não obstante, procurou-se averiguar a possibilidade de que este construto seja representado por um único fator, como defendem alguns autores (Donovan, & Jessor, 1985; Flannery et al., 1999). Esta comparação de modelos permitiu comprovar o melhor ajuste da estrutura bi-fatorial, como proposta por Seisdedos (1988) e previamente verificada por Formiga e Gouveia (2003).

Em síntese, os cálculos efetuados após a redução pela metade do número de itens permitiram confirmar a ade-

quação da validade fatorial e consistência interna da medida de comportamentos anti-sociais e delitivos, atestando estas propriedades psicométricas também para a versão reduzida (CAD-20); os resultados sugerem a coerência do modelo bi-fatorial proposto. Além disso, a proposta da versão reduzida para o CAD original tem utilidade em pesquisas científicas, podendo ser útil como ferramenta para a realização de levantamentos epidemiológicos com amostras de adolescentes da população geral.

Estudos e Direções Futuras

Inicialmente, demanda-se reconhecer que a efetivação de novos estudos com amostras probabilísticas desta faixa-etária é de fundamental importância. Isso é certo, sobretudo, pelo fato de permitir não somente a generalização dos resultados antes descritos, confirmando (ou não) os parâmetros psicométricos que têm sido observados neste contexto e em estudos prévios (Formiga, & Gouveia, 2003; Seisdodos, 1988). Contudo, novas frentes são igualmente relevantes. Caberia, por exemplo, contar com amostras que respondessem ao CAD-20 em dois momentos, comprovando, assim, sua estabilidade temporal (teste-reteste). De modo semelhante, demandar-se-ia conhecer a validade preditiva desta medida, checando o quanto pode prever comportamentos socialmente desviantes de jovens.

Finalmente, uma vez que os itens do CAD-20 (ou de sua versão original) não abrangem equitativamente dimensões dos comportamentos anti-sociais e delitivos (por exemplo, uso e problemas com drogas), presentes em alguns modelos multifatoriais (Farrell, Kung, White, & Valois, 2000; Gillmore, Hawkins, Catalano, Day, & Moore, 1991; McGee, & Newcomb, 1992), não foi possível testar tais estruturas alternativas. Deste modo, estimulam-se novos empreendimentos no sentido de se pensar acerca destas dimensões, possivelmente conjecturando um modelo teórico mais inclusivo de comportamentos socialmente desviantes, o que demandará pensar acerca de uma medida alternativa. Neste sentido, os estudos previamente descritos poderiam constituir-se em um ponto de partida a ser considerado.

Referências

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the youth self-report and 1991 profile*. Burlington, VT: University of Vermont.
- American Psychiatric Association. (1994). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th ed.). Washington, DC: Author.
- Ary, D. V., Duncan, T. E., Duncan, S. C., & Hops, H. (1999). Adolescent problem behavior: The influence of parents and peers. *Behaviour Research and Therapy*, 37, 217-230.
- Byrne, B. (2001). *Structural equation modeling with AMOS. Basic concepts, applications and programming*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Clemente, M. (1995). Marcos explicativos del delito. In M. Clemente (Ed.), *Fundamentos de la psicología jurídica* (pp. 297-310). Madrid, España: Pirámide.
- Corral, P. (1994). Trastorno antisocial de la personalidad. In E. Echeburúa (Ed.), *Personalidades violentas* (pp. 57-65). Madrid, España: Pirámide.
- Davalos, D. B., Chavez, E. L., & Guardiola, R. J. (2005). Effects of perceived parental school support and family communication on delinquent behaviors in Latinos and white non-Latinos. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 11, 57-68.
- Donovan, J. E., & Jessor, R. (1985). Structure of problem behavior in adolescence and young adulthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53, 890-904.
- Farrell, A. D., Kung, E. M., White, K. S., & Valois, R. F. (2000). The structure of self-reported aggression, drug use, and delinquent behaviors during early adolescence. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29, 282-292.
- Farrington, D. P. (1987). Epidemiology. In H. C. Quay (Ed.), *Handbook of juvenile delinquency*. New York: Wiley.
- Flannery, D. J., Williams, L. L., & Vazsonyi, A. T. (1999). Who are they with and what are they doing? Delinquent behavior, substance use, and early adolescents' after-school time. *American Journal of Orthopsychiatry*, 69, 247-253.
- Formiga, N. S., & Gouveia, V. V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Psico*, 34, 367-388.
- Garaigordobil, M. (2004). Intervención psicológica en la conducta agresiva y antisocial. *Psicothema*, 16, 429-435.
- Garaigordobil, M., & Galdeano, P. G. (2006). Empatía en niños de 10-12 años. *Psicothema*, 18, 180-186.
- Garrido, V. (1987). *Delincuencia juvenil: orígenes, prevención y tratamiento*. Madrid, España: Alhambra.
- Gillmore, M. R., Hawkins, J. D., Catalano, R. F., Day, L. E., & Moore, M. (1991). Structure of problem behaviors in preadolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 499-506.
- Google Acadêmico. (2007). *Anti-social e delitivo*. Retrieved December 07, 2007, from <http://scholar.google.com.br>
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann, W. B. Jr. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37, 504-528.
- Hawkins, J. D., Catalano, R. F., & Miller, J. Y. (1992). Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescent and early adulthood: Implications for substance abuse prevention. *Psychological Bulletin*, 112, 64-105.
- Heaven, P. C. L. (1996). Personality and self-reported delinquency: Analysis of the "big five" personality dimensions. *Personality and Individual Differences*, 20, 47-54.
- Huizinga, D., & Elliott, D. S. (1986). Reassessing the reliability and validity of self-report delinquency measures. *Journal of Quantitative Criminology*, 2, 293-327.
- Index Psi. (2007). *Anti-social e delitivo*. Retrieved December 07, 2007, from <http://www.psi.bvs.br>
- Jessor, R., Donovan, J. E., & Costa, F. M. (1991). *Beyond adolescence: Problem behavior and young adult development*. New York: Cambridge University Press.
- Kelley, B. T., Loeber, R., Keenan, K., & DeLamatre, M. (1997). Developmental pathways in boys' disruptive delinquent behavior. *Juvenile Justice Bulletin*, 2, 1-21.
- Knapp, M., Scott, S., & Davies, J. (1999). The cost of antisocial behaviour in younger children. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 4, 457-473.
- Krol, N., Morton, J., & De Bruyn, E. (2004). Theories of conduct disorder: Analysis a causal modeling. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45, 727-742.
- Loeber, R. (1991). Antisocial behavior: More enduring than changeable? *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 30, 393-397.

- Loeber, R., Burke, J. D., Lahey, B. B., Winters, A., & Zera, M. (2000). Oppositional defiant disorder and conduct disorder: A review of the past 10 years, part I. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 39, 1468-1484.
- Loeber, R., & Dishion, T. J. (1983). Early predictors of male delinquency: A review. *Psychological Bulletin*, 94, 68-99.
- Luengo, M. A., Otero, J. M., Romero, E., Gómez-Fraguela, J. A., & Tavares-Filho, E. T. (1999). Análisis de ítems para la evaluación de la conducta antisocial: un estudio transcultural. *RIDEP*, 1, 21-36.
- McGee, L., & Newcomb, M. D. (1992). General deviance syndrome: Expanded hierarchical evaluations at four ages from early adolescence to adulthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60, 766-776.
- Navas-Collado, E., & Muñoz-García, J. J. (2005). Teorías explicativas y modelos preventivos de la conducta antisocial en adolescentes. *Cuadernos de Medicina Psicosomática y Psiquiatría de Enlace*, 75, 22-39.
- Nunnally, J. C. (1991). *Teoría psicométrica*. México, DF: Trillas.
- Osgood, D. W., McMorris, B. J., & Potenza, M. T. (2002). Analyzing multiple-item measures of crime and deviance I: Item Response Theory scaling. *Journal of Quantitative Criminology*, 18, 267-296.
- Otero-Lopez, J. M. (1996). *Droga y delincuencia: concepto, medida y estado actual del conocimiento*. Madrid, España: Pirámide.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria. Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamentos de risco*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Rhee, S. H., & Waldman, I. D. (2002). Genetic and environmental influences on antisocial behavior: A meta-analysis of twin and adoption studies. *Psychological Bulletin*, 3, 490-529.
- Romero, E. (1996). *La predicción de la conducta antisocial: un análisis de las variables de personalidad*. Unpublished doctoral dissertation, Universidade de Santiago de Compostela, España.
- Romero, E. (1998). Teorías sobre delincuencia en los 90. *Anuario de Psicología Jurídica*, 1, 95-107.
- Romero, E. (2006). Psicología de la conducta criminal. In J. C. Sierra, E. M. Jiménez, & G. Buéla-Casal (Eds.), *Psicología forense: manual de técnicas y aplicaciones*. Madrid, España: Biblioteca Nueva.
- Romero, E., Luengo, M. A., & Sobral, J. (2001). Personality and antisocial behavior: Study of temperamental dimensions. *Personality and Individual Differences*, 31, 329-348.
- Romero, E., Sobral, J., & Luengo, M. A. (1999). *Personalidad y delincuencia. Entre la biología y la sociedad*. Granada, España: Grupo Editorial Universitario.
- Romero, E., Sobral, J., Luengo, M. A., & Marzoa, J. A. (2001). Values and antisocial behavior among Spanish adolescents. *The Journal of Genetic Psychology*, 162, 20-40.
- Rutter, M., & Giller, H. (1983). *Juvenile delinquency*. London: Penguin Books.
- Salekin, R. T., Brannen, D. N., Zalot, A. A., Leistico, A., & Neumann, C. S. (2006). Factor structure of psychopathy in youth: Testing the applicability of the new four-factor model. *Criminal Justice and Behavior*, 33, 135-157.
- Scaramella, L. V., Conger, R. D., Spoth, R., & Simons, R. L. (2002). Evaluation of a social contextual model of delinquency: A cross-study replication. *Child Development*, 73, 175-195.
- Seisdedos, N. (1988). *Cuestionario A-D de conductas antisociales - delictivas*. Madrid, España: TEA.
- Soria, M. A. (2005). La psicología criminal: desarrollo conceptual y ámbitos de aplicación. In M. A. Soria, & D. Sáiz (Eds.), *Psicología criminal* (pp. 25-58). Madrid, España: Pearson.
- Storvold, E. E., Wichstrøm, L., Kolstad, A., & Pape, H. (2002). Structure of conduct problems in adolescence. *Scandinavian Journal of Psychology*, 43, 81-91.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). *Using multivariate statistics*. New York: Allyn & Bacon.
- Tate, D. C., Reppucci, N. D., & Mulvey, E. P. (1995). Violent juvenile delinquents: Treatment effectiveness and implications for future action. *American Psychologist*, 50, 777-781.
- Thornberry, T. P., & Krohn, M. D. (2000). The self-report method for measuring delinquency and crime. In D. Duffee, R. D. Crutchfield, S. Mastrofski, L. Mazerolle, & D. McDowall (Eds.), *Measurement and analysis of crime and justice* (Vol. 4, pp. 33-83). Washington, DC: National Institute of Justice.
- Tolan, P. H., Guerra, N. G., & Kendall, P. C. (1995). Introduction to special section: Prediction and prevention of antisocial behavior in children and adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 63, 515-517.
- Tomás, D. (1993). Diagnóstico y predicción de la psicopatía. In V. Garrido (Ed.), *Psicopata: perfil psicológico y reeducación del delincuente más peligroso* (pp. 83-111). Valencia, España: Tirant lo blanch.
- Torrente-Hernández, G., & Rodríguez-González, A. (2004). Características sociales y familiares vinculadas al desarrollo de la conducta delictiva en pre-adolescentes y adolescentes. *Cuadernos de Trabajo Social*, 17, 99-115.
- Vazsonyi, A. T., Pickering, L. E., Junger, M., & Hessing, D. (2001). An empirical test of a general theory of crime: A four-nation comparative study of self-control and the prediction of deviance. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 38, 91-131.
- Vien, A., & Beech, A. R. (2006). Psychopathy: Theory, measurement, and treatment. *Trauma, Violence, & Abuse*, 7, 155-174.
- Warren, J. I., & South, S. C. (2006). Comparing the constructs of antisocial personality disorder and psychopathy in a sample of incarcerated women. *Behavioral Sciences and the Law*, 24, 1-20.